

ÁVILA, ÉVORA OU AS PREFERÊNCIAS IBÉRICAS DE MARÍA

Jorge Freitas Branco

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa, CRIA-IUL

COMO TUDO ACONTECEU

Conheci a María no congresso da então *Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español* (FAAEE, desde 2017 *Asociación de Antropología del Estado Español*, ASAAE), em La Laguna, Tenerife, em 1993. Ficamos instalados num cenário inesquecível, o Hotel Botánico. Conversámos, cada um relatou em que trabalhava, lembro-me de ter ficado com *Los españoles vistos por los extranjeros*, publicado dois anos antes. Na altura eu andava preocupado em reconstituir e atribuir sentidos às recolhas coletivas de cultura popular levadas a cabo durante a crise revolucionária portuguesa (1974-1976), que se seguiu ao colapso do regime autoritário. Passaram-se alguns anos até que nos voltámos a ver. Desta vez foi em Lisboa. Um dia, creio que o Brian O'Neill e o António Medeiros disseram-me que uma colega da Complutense de Madrid os tinha contactado e queria conhecer colegas portugueses. Queria iniciar uma investigação em Portugal e esperava ser aconselhada sobre um local para empreender o trabalho de campo. Comentei-lhes que o nome não me era estranho e que a conhecera anos antes nas Canárias. Explicou-nos então que levava a cabo uma longa pesquisa em Ávila e que pretendia identificar uma cidade portuguesa para uma pesquisa de antropologia urbana comparada. Antes havia-se dedicado ao mundo rural, nas Astúrias, tendo publicado a monografia *La muerte y otros mundos: Enfermedad, suicidio, muerte y más allá entre los vaqueiros de Alzada*, com posterior tradução em inglês *This World, Other Worlds. Sickness, Suicide, Death, and the Afterlife among the Vaqueiros*

de Alzada of Spain – muitos anos depois faria um relato na primeira pessoa sobre esta experiência intitulado *Los inicios de la antropologia en Asturias: tres testimonios autobiográficos* (2016).

Queria fazê-lo em Portugal, porque o país não despertava a atenção aos antropólogos espanhóis, apesar de sermos vizinhos desde há séculos sem conta. Outros fatores recentes justificavam o interesse. O incremento do fluxo turístico, já sem barreiras fronteiriças, de espanhóis para Portugal, o respetivo reflexo na produção ficcional castelhana, como o comprova a descrição ficcionada do norte luso feita por Julio Llamazares em *Tras-os-Montes. Un viaje portugués*. Mas também o fim dos regimes autoritários, os processos de democratização empreendidos e realizados (cf. Branco 2014). Recordo-me de, de entre nós, e depois com María, equacionarmos cidades portuguesas apropriadas quanto a dimensão e localização. E sempre caímos nas mesmas disputas: norte ou sul? Onde a divisória e quem a traçou? Creio que cheguei mesmo a propor uma cidade insular, ninguém ouviu, fui ignorado. Acatei, pois Ávila é bem continental, bem assente na Meseta. Este peneirar tornou Sintra e Évora na posição de finalistas Ambas com pergaminhos em termos de património monumental e de ambições assumidas na preservação do casco urbano, a decisão recaiu finalmente a favor de Évora, porque, para além destes elementos em comum com Avila soma-se um outro, a posse de muralhas –uma preocupação de María quanto ao seu simbolismo quotidiano interpretado mais tarde em *Para entender las murallas de Ávila. Una mirada desde la historia y la antropología*–, atributo inexistente em Sintra. Para além duma investigação em antropologia urbana comparada, María desejava fazer uma leitura simbólica do fenómeno urbano. Enquanto sobre Ávila estavam já disponíveis *outputs* relevantes, entre monografias e outras publicações (*Un santo para una ciudad*), incluindo co-autorias e supervisão de doutoramentos no assunto e na incidência geográfica (Eduardo Cabezas *Los de siempre* e María del Carmen Lamela *La cultura de lo cotidiano*). Não se tratou de reconhecer credenciais, mas de constatar a unanimidade sublinhada pelos colegas lusos perante um percurso pessoal sólido e amadurecido e a coerência de uma opção em vias de ser tomada.

1. Ávila, 2000

Era grande o empenho de María para que o seu novo trabalho de campo proporcionasse uma oportunidade para estabelecer um laço hispano-luso de colaboração antropológica. Pouco tempo depois, María quis saber se nos parecia útil organizar um colóquio com bastante informalidade, para que, durante alguns dias antropólogas e antropólogos vindos dos dois lados da fronteira que separa os dois países ibéricos, convivessem e falassem sobre os seus trabalhos passados, presentes ou mesmo futuros, longe dos constrangimentos quotidianos. A ideia foi de imediato aceite. María começou a mobilizar vontades e recursos para concretizá-la.

Assim surgiu um primeiro Encontro Ibérico de Antropólogos, realizado em 2000, num recinto de lazer Naturávila, nas imediações de Ávila. O índice da publicação que se seguiria revela os seguintes participantes: José Carlos Gones da Silva (ISCTE), José Luís García (UCM), Brian Juan O'Neill (ISCTE), Enrique Luque (UAM), Manuel João Ramos (ISCTE), Francisco Sánchez Pérez (UCM), Rosario Otegui (UCM), José Antonio Nieto (UNED), Marie José Devillard (UCM), Jorge Freitas Branco (ISCTE), Jesús Azcona (Universidad del Pais Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea), Leopoldo Llaneza Fadón (UCM), Rafael Díaz-Maderuelo (UCM), António Medeiros (ISCTE), María Cátedra (UCM). Predominaram posicionamentos científicos em detrimento de análises feitas a partir de universos empíricos. Era uma estratégia inconsciente para o conhecimento mútuo. Em alguns participantes adivinham-se temas que se manteriam ao longo dos encontros seguintes, como por exemplo em António Medeiros (identidades peninsulares comparadas) ou em José Luís García (o mundo dos mineiros asturianos). María Cátedra não é exceção, antes pelo contrário, dá o mote: ensaia uma comparação entre as suas duas cidades ibéricas. Neste primeiro encontro muitas presenças não se traduziram na produção posterior de um texto. Era tudo muito novo, sobretudo a carácter tão informal do evento. Anfitriões com muita simpatia foram a María, como se depreende, o José Luis e o Leopoldo.

2. Évora, 2002

Foi o resultado da avaliação positiva feitas pelos participantes no balanço do encontro de Ávila. Assumiram a organização Ana Isabel Afonso (Universidade Nova de Lisboa, UNL) e eu próprio. Após algumas sondagens informais verificámos que duas temáticas se cristalizavam, podendo reunir um conjunto alargados e diversificado de participantes, incluindo pesquisas no terreno português já iniciadas por jovens colegas espanhóis (Sara Sama, Txema Uribe). Mobilidade nas suas várias incidências e as múltiplas formas de que se reveste a violência nas sociedades foram as convergências propostas nos convites feitos para participação. Pedimos a dois colegas que assegurassem os resumos das comunicações para cada uma das temáticas estabelecidas: Brian O'Neill (ISCTE) para as mobilidades e Adolfo Yáñez (UNL) seguiria as violências. Como sempre acontece nestes eventos, nem sempre todos as apresentações orais dão origem a um texto. Apresentaram e publicaram no volume 1: José Luis García García (Universidad Complutense de Madrid, UCM), Ema Pires (Universidade de Évora, EU), Ana Isabel Afonso (UNL), Ana Giménez (Universitat Jaume I), Sara Sama (Universidad de Castilla La Mancha), Txema Uribe (Universidad Pública de Navarra), Jorge Freitas Branco (ISCTE), Enrique Luque (Universidad Autónoma de Madrid, UAM), Joan Prat (Universitat Rovira i Virgili), Carlos Branco Mendes (ISCTE), Lourdes Méndez (Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea), Manuel João Ramos (ISCTE). No volume 2 figuram: Joseba Zulaika (University of Nevada, Reno), Catarina Silva Nunes (ISCTE), Jesús Azcona (Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea), Pedro Silva Sena (CEAS, ISCTE), María Cátedra (UCM), Mónica Cornejo Valle (Universidad Castilla La Mancha), Daniel Seabra Lopes (UNL), Gonçalo Praça (CEAS, ISCTE), Ricardo Roque (University of Cambridge e Universidade dos Açores), Paulo Castro Seixas (Universidade Fernando Pessoa), Manuel Delgado (Universitat de Barcelona, UB), Manuel João Ramos (ISCTE). Num relance agora distante, realço as investigações então em curso sobre ciganos. E María já reportou sobre Évora.

3. *Pamplona, 2005*

No terceiro encontro foi um regresso ao Estado Espanhol, a terras de Navarra. A maior parte das intervenções situaram-se nas questões que se prendem com as vizinhanças, com percursos e com dinâmicas em geral. Regista-se uma participação destacada de doutorandos e doutorandas apresentando o andamento das suas pesquisas. Participaram e deixaram marca posteriormente impressa: Txema Uribe (Universidad Publica de Navarra), António Medeiros (ISCTE), María Cátedra (UCM), Luís Cunha Universidade do Minho, UM), Manuela Ivone Cunha (UM), Ana Margarida Magalhães, Daniel Seabra Lopes (UNL), José Luis García (UCM), Ana Isabel Afonso (UNL), Manuel Delgado (UB), Enrique Luque (UAM), Catarina Silva Nunes (ISCTE), Mónica Cornejo (UCM), Jorge Freitas Branco (ISCTE), Paulo Castro Seixas (Universidade Fernando Pessoa), Maria João Mota (ISCTE). María mantendo a sua coerência e determinação regressou transpôs-nos para Las Vacas, um bairro operário de Ávila, onde foi ao encontro de uma virgem. Txema foi um anfitrião cheio de simpatia e eficiência. Proporcionou-nos uma jornada inesquecível a Alzuza, onde visitámos a Fundación Museo Oteiza. A não perder, nem muito menos a esquecer.

4. *Ponte de Lima, 2007*

Esta edição dos encontros realizou-se nas instalações da Escola Superior Agrária, que abrangem um antigo convento. Receberam-nos com não menos simpatia que os anteriores anfitriões Manuela Cunha e Luís Cunha. Não são familiares, mas colegas no mesmo departamento; no Minho, o stock de apelidos é muito escasso e situações similares ocorrem com frequência entre a população nativa. Participaram e publicaram: Luís Cunha (UM), Humberto Martins (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD), Paula Godinho (UNL), Ana Rita Moreira (ISCTE), Rita Gomes Faria (UNL), Manuel João Magalhães (ISCTE), Matilde Córdoba Azcárate (UCM), Joan Frigolé (Universitat Rovira i Virgili), Jean-Yves Durand (UM),

Jão Al+uim Botelho (Museu do Traje, Viana do Castelo), Ascensión Barañano Cid (UCM), Jorge Freitas Branco (ISCTE), Miriam Barros (ISCTE), José Luis García García (UCM), Jaume Franquesa (UB), Irene Sabaté Muriel (UB), Susana Narotzky (UB), Josepa Cucó y Giner (Universitat de Valencia) José María Uribe (Universidad Publica de Navarra), Virgínia Henriques Calado (Universidade de Lisboa). O tema mais abordado foi a fronteira, proposto, mas não impositivo. No parque das instalações surpreenderam-se algumas raposas naqueles dias escaldantes. Maria Cátedra foi absorvida pela moderação de sessões.



5. *La Seu D'Urgell, 2009*

Coube de novo a vez aos colegas espanhóis e foram os catalães que nos receberam, organizando a quinta edição dos encontros nos Pirenéus. Camila del Mármol, Joan Frigolé e Susana Narotzky Foram nossos mestres anfitriões. O *leitmotiv* das apresentações e discussões em alguns casos acaloradas –ficaram registadas nos anais as que se verificaram entre Paula Godinho e António Medeiros– foi a questão repetidamente questionada do património, do respetivo consumo e dos valores do passado. Registaram-se muitas presenças. E cons-

tam do posterior livro publicado: María Valdés Gázquez (Universitat Autònoma de Barcelona), Jaume Franquesa (University of Toronto), María Cátedra (UCM), Xaquín Rodríguez Campos (Universidad de Santiago de Compostela, USC), Marc Morell (Universitat de les Illes Balears), Nieves Herrero Pérez (USC), José María Vascuende del Río (USC), Ismael Vaccaro (McGill University), Oriol Beltran (UB), Matilde Córdoba Azcárate (UCM), José Luis García García (UCM), Xavier Roigné (UB), Luís Cunha (UM), Elena Freire Paz (USC), Inês Fonseca (CRIA), Meritxell Sucarnat Viola (UB), Paula Godinho (UNL), Camila del Mármol Cartañá (UB), Jorge Freitas Branco (ISCTE), Jean-Yves Durand (UM), Manuela Cunha (UM), António Medeiros (ISCTE), Consuelo Álvarez Plaza (UCM). María dissertou sobre ... Évora.

6. *Miranda do Douro, 2012*

Em Picote de manhã, no Barrocal do Douro para a noite, no museu para as sessões e debates, e transbordando simpatia os nossos anfitriões foram Jean-Yves Durand –na altura cumpria uma pena de degredo aligeirado como diretor do Museu das Terras de Miranda– e Humberto Martins, da UTAD. Fomos acolhidos em instalações da associação Frauga, que se dedica ao desenvolvimento local e à promoção da língua mirandesa, o que torna Portugal oficialmente um país irremediavelmente bilingue – todos esquecem a riqueza dos falares insulares. Ficámos acomodados numa aldeia construída para albergar os construtores da barragem hidroelétrica ali existente e que se integra num sistema de domesticação dos ímpetus do rio Douro. As obras ocorreram nos anos 1950, a arquitetura é um exemplo inesperado e acabado de modernismo *avant la lettre* implantado numa paisagem agreste e irresistível. Entre os visitantes predominam grupos de estudantes das faculdades de arquitetura. E agora éramos nós antropólogos num encontro ibérico. Participaram e ficaram assinalados na posterior publicação: António Medeiros (ISCTE), Ana Isabel Afonso (UNL), Gonçalo Mota (antropó-

logo, cineasta, *freelancer*), Camila del Mármol (UB), Elena Freire Paz (USC), María Cátedra (UCM), Rocio Solla Sampedro (USC), Jorge Freitas Branco (ISCTE), Paulo Mendes (UTAD), Pedro Tomé (CSIC), Enrique Luque (UAM), Luís Cunha (UM), Natalia Castellanos Martínez (UCM), Consuelo Álvarez Plaza (UCM), Manuel Ivone Cunha (UM). O tema aglutinador proposto e acatado foi o saber-fazer dos antropólogos; não me recordo de divergências de fundo a respeito desta opção. Num dos finais de tarde, os participantes foram recebidos na AEPGA, uma associação que cria e promove gado asinino. Uns montados, outros apeados, todos prestámos homenagem sincera ao animal.



7. *El Barco de Ávila, 2015*

Esta edição dos encontros realizou-se ainda na área de influência hidrográfica do *río Duero*, por conseguinte, um curso de água ibérico e binacional. Com plena simpatia, Pedro Tomé organizou e revelou-nos o *Ayuntamiento* de El Barco de Ávila, com sua singela igreja matriz que ninguém se lembra do início da sua construção e a presença pressentida da vizinha Sierra de Gredos. Depois de

na edição anterior ter sido inconclusiva a discussão sobre um encontro temático ou aberto, tudo ficou em regime de apresentação livre e espontâneo. Há provas de delito referentes a: María Cátedra (UCM), Jorge Freitas Branco (ISCTE), José María Uribe (Universidad Publica de Navarra), Manuela Ivone Cunha (UM), Paco Ferrándiz (CSIC), Paula Godinho (NOVA), Miguel Ángel Casillas Báez (Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, Occidente, México), Dulce Simões (INET-md, NOVA), António Medeiros (ISCTE), Beatriz Pérez Galán (UNED), Humberto Martins (UTAD), Consuelo Álvarez Plaza (UCM), Beatriz Santamarina Campos (Universitat de Valencia), Paulo Castro Seixas (U Lisboa), Elena Vaquerizo Gómez (UCM), Rui de Sousa Martins (Universidade dos Açores), Juan Antonio Flores Martos (Universidad Castilla La Mancha), José Carlos Venâncio (Universidade da Beira Interior), Elena Freire Paz (USC), José Manuel Sobral (U Lisboa), Pedro Tomé (CSIC), Luís Cunha (UM). Foram reflexões raianas, porque realizadas num espaço político-geográfico assim designado.



8. *Idanha-a-Nova, 2017*

O encontro nesta terra lusa interiorana estruturou-se em torno de duas linhas temáticas. Uma intitulava-se: Enredos ibéricos: alimentação e património. A outra era dedicada à religiosidade popular, a pedido do nosso anfitrião institucional que foi a câmara municipal local. A razão prendia-se com um curso com o mesmo título por ela organizada e que se destina ao enquadramento e fundamentação dos mistérios pascais como principal acontecimento turístico e base da política de património cultural ali levada a cabo. Foi-nos solicitada um aprofundamento do debate científico em torno das manifestações de piedade popular. Participaram e publicaram posteriormente: Jorge Freitas Branco (ISC-TE), António Medeiros (ISC-TE), Jesús Contreras (UB), José Manuel Sobral (U Lisboa), Paula Godinho (NOVA), Pedro Tomé (CSIC), Jean-Yves Durand (UM), Consuelo Álvarez Plaza (UCM), Virginia Henriques Calado (U Lisboa), Brian Juan O'Neill (ISC-TE), Manuela Ivone Cunha (UM), Xerardo Pereiro (UTAD), Manuel Luís Tibério (UTAD), Vítor Rodrigues (UTAD), Lorenzo Mariano Juárez (Universidad de Extremadura), Sofia Sampaio (CRIA), Julián López García (UNED), Elena Freire Paz (USC), Eddy Chambino (Centro Cultural Raiano), Nuno Domingos (U Lisboa), Pedro A. Cantero (Universidad Pablo de Olavide, UPO), António Silveira Catana (Investigador local, Idanha-a-Nova), Ángel Medina (Universidad de Oviedo), María Cátedra (UCM), Rita Ávila Cachado (CIES), Marisa C. Gaspar (U Lisboa), Marina Pignatelli (U Lisboa), Eduarda Rovisco (CRIA), Esteban Ruíz-Ballesteros (UPO), Luís Cunha (UM), Enrique Luque (UAM). Agradeço todo o apoio recebido em Idanha-a-Nova por parte do Presidente da câmara Armindo Moreira Palma Jacinto, a António Silveira, investigador local e alma dos mistérios pascais, Paulo Longo e Eddy Chambino do Centro Cultural Raiano, Alexandre Gaspar, do Fórum Cultural. María manteve-se fiel à sua convicção urbana. Ponderadas vantagens e inconvenientes, fez-se pela primeira vez a edição *on line* das atas.

As jornadas em Idanha-a-Nova ficaram marcadas por um grande incêndio florestal que acabava de ocorrer na região –iniciado em Pedrógão Grande– e que provocou 66 mortos e 254 feridos.

8 y ½. Granadilla, Cáceres, 2020

Os anfitriões iam ser Lorenzo, David e Borja, da Universidad de Extremadura (UNEX). O encontro seria na última semana de junho, nos dias 24 a 26, sob o sugestivo tema Antropologia da solidão. Eis o convite endereçado a 16 de dezembro de 2019:

Estimados/a colegas;

Es un placer poder invitarte al IX ENCUESTRO DE ANTROPOLOGÍA IBÉRICA. Veinte años después del que María Cátedra convocó en Ávila en el año 2000, tendremos la oportunidad de seguir reuniéndonos en un ambiente distendido en el que compartir trabajos e ideas. En esta ocasión el encuentro tendrá lugar en Extremadura, en Granadilla, los días 24,25 y 26 de junio de 2020.

El tema propuesto para esta edición gira en torno a la “Antropología(s) de la(s) soledad(es)”. Las perspectivas o enfoques particulares (Contextos, etnografías clásicas, diseños metodológicos, grupos poblacionales, la soledad del etnógrafo, deconstrucciones conceptuales, pueblos abandonados, etc...), que cada uno de los participantes proponga, nos permitirá contemplar nuestro mundo y nuestra disciplina desde múltiples miradas.

Aunque más adelante iremos precisándote todos los detalles prácticos, te anexamos una introducción-llamada a contribuciones al tema por si te es de utilidad. Lo que si necesitamos es que, en cuanto puedas, nos confirmes tu disponibilidad a venir en esas fechas para poder ir ajustando todos los detalles. También sería bueno que, antes de que concluya enero, nos dieras un título, aunque sea tentativo, para poder ir construyendo el programa.

Gracias de antemano, esperando poder contar con tu presencia en Granadilla.

Lorenzo Mariano, David Conde y Borja Rivero.

Universidad de Extremadura.

Caros colegas:

É um prazer para nós poder convidá-lo para a IX ENCONTRO IBERICO DA ANTROPOLOGIA. 20 anos depois da que María Cátedra convocou em Ávila no ano 2000, teremos a oportunidade de continuar

nos encontrando em um ambiente descontraído para compartilhar trabalhos e ideias. Nesta ocasião, a reunião terá lugar na Extremadura, em Granadilla, nos dias 24, 25 e 26 de junho de 2020.

O tema proposto para esta edição gira em torno da “Antropologia da(s) solidão(ões)”. As perspectivas ou abordagens particulares (Contextos, etnografias clássicas, desenhos metodológicos, grupos populacionais, a solidão do etnógrafo, desconstruções conceituais, aldeias abandonadas, etc....) que cada um dos participantes propõe nos permitirão contemplar nosso mundo e nossa disciplina sob múltiplos pontos de vista.

Embora mais tarde iremos especificar todos os detalhes práticos, anexamos um pedido de introdução para contribuições ao tópico, caso o considere útil. O que nós precisamos é que, assim que possível, você confirme sua disponibilidade para vir nessas datas para poder ajustar todos os detalhes. Também seria bom se, antes do final de janeiro, você pudesse nos dar um título, mesmo que provisório, para poder construir o programa.

Obrigado desde já, esperando poder contar com a sua presença em Granadilla.

Lorenzo Mariano, David Conde e Borja Rivero.

Universidade da Extremadura.

Confirmaram a participação: Borja Rivero Jiménez (UNEX), David Conde Caballero (UNEX), Elena Freire Paz (USC), Nieves Herrero (USC), María Cátedra (UCM), Beatriz Pérez Galán (UNED), Manuel Gutiérrez Estévez (UCM), Camila del Mármol (UB), Txema Uribe Oyarbide (UPN), María Valdés Gáspez (Universitat Autònoma de Barcelona, UAB), Juan Frigolé Reixach (UB), Enrique Luque (UAM), Paulo Lima (investigador independente), Julián López García (UNED), Pedro Tomé Martín (CSIC), Francisco Xavier Medina (Universitat Oberta de Catalunya, UOC), Paula Godinho (UNL), José Sobral (U Lisboa), Jorge Freitas Branco (ISCTE), Ema Pires (UE), Manuela Ivone Cunha (UM), Jean-Yves Durand (UM), António Medeiros (ISCTE), Fernando Florêncio (Universidade de Coimbra, UC), Catarina Frois (ISCTE), Virgínia H. Calado (U Lisboa), Patrícia Ferraz de Matos (U Lisboa), Brian Juan O'Neill (ISCTE), Ana Isabel Afonso (UNL). Mas a 23 de março ...

Queridos compañeros, caros colegas;

Antes que nada, espero que estéis bien.

Como bien sabéis, las circunstancias de la pandemia han contribuido a aplazar o suspender planes, y quizás, a plantear otras formas de ser y hacer en el futuro. Os escribimos para comentaros que nos vemos en la necesidad de aplazar el encuentro. Nos da una pena inmensa, pues pensábamos que iba a ser un encuentro muy provechoso, además de muy agradable en lo afectivo.

No sabemos cuánto tiempo se va a prolongar esta situación, pero hemos recibido la comunicación de que la partida que iba a financiar el encuentro ha sido congelada y puesta a disposición de otras conserjerías.

Así que, tras consultarlo, os comunicamos que se aplaza a la espera de encontrar una fecha favorable, si fuera posible en este mismo año, o en el que viene.

Os mantendremos informados cuando tengamos noticias.

Entre tanto, cuidaos mucho.

Abrazos

Lorenzo, David y Borja.

Apanhou-nos a surpresa planetária chamada Covid 19, a 11 de março é declarada a situação pandemia pela OMS, segue-se o confinamento, depois o dever cívico de recolhimento, à ressignificação de normalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos encontros resultaram atas publicadas que se listam na ordem cronológica da realização do evento a que correspondem:

- Cátedra, María (ed.). 2001. *La Mirada Cruzada en la Península Ibérica. Perspectivas desde la antropología social en España y Portugal*. Madrid: La Catarata, ISBN 978-84-8319-128-8.
- Branco, Jorge F. e Ana I. Afonso (eds.). 2003. *Retóricas sem fronteiras. 1. Mobilidades*. Oeiras: Celta Editora, ISBN 972-774-177-0.

- Branco, Jorge F. e Ana I. Afonso (eds.). 2003. *Retóricas sem fronteiras. 2. Violências*. Oeiras: Celta Editora, ISBN 972-774-178-9.
- Uribe, José María (ed.). 2007. *En-Clave Ibérica. Vecinos, caminos y mudanzas culturales*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra, Servicio de Publicaciones, ISBN 978-9769-207-6.
- Cunha, Manuela e Luís Cunha (eds.). 2007. *Intersecções ibéricas. Margens, passagens e fronteiras*. Lisboa: 90º Editora, ISBN 978-972-8964-07-8.
- Mármol, Carmen del, J. Frigolé, S. Narotzky (eds.). 2010. *Los lindes del patrimonio. Consumo y valores del pasado*, Barcelona: Icaria, Institut Català d'Antropologia, ISBN 978-84-9888-272-8.
- Martins, Humberto e Jean-Yves Durand (eds.). 2015. *Olhares e ofícios de antropólogos, em Espanha e Portugal*. Picote: Frauga, ISBN 978-989-99411-1-3.
- Tomé, Pedro (ed.). 2017. *Reflexiones Rayanas*. Ávila: Asociación de Antropología Michael Kenny, ISBN 978-84-617-6634-5.
- Branco, Jorge F. e António Medeiros (eds.). 2018. “Enredos ibéricos: comidas, ritos, políticas de património” *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 58, 153-789, ISSN 2183-0266. Disponível em: <<https://revistataeonline.weebly.com/nuacutemero-58--2018.html>>. Data de acesso: 17 ago. 2020.

Vistos num relance os eventos foram:

- a) Antropológicos, na vertente social / cultural, o que significa que os participantes se identificavam com um paradigma disciplinar convergente. Menos nas discussões durante as sessões e com maior incidência nas conversas de pequenos grupos, os nomes de autoridade mais frequentemente citados, referidos ou recordados terão sido Carmelo Lisón Tolosana (1929-2020), José Cutileiro (1934-2020) e Julio Caro

Baroja (1914-1995). María falou-me longamente do contexto informal em que Julian Pitt-Rivers (1919-2001) pesquisou na Andaluzia. Mais tarde apreciei muito a leitura da sua correspondência tratada e publicada por Honorio Velasco e Carmen Caro (2015);

- b) Analisando as participações, verifica-se a existência de um núcleo de cerca de 6 pessoas dos dois estados, que asseguraram a continuidade da iniciativa, a rotação de colegas convidados e a presença da geração mais jovem, em especial de doutorandos/as;
- c) Ao longo das 8 edições acontecidas houve participantes de quase todas as regiões peninsulares, à exceção dos territórios insulares – o que se explicará pelas implicações financeiras acrescidas e onde não se conseguiu organizar uma edição dos nossos encontros (Açores, Baleares, Canárias, Madeira);
- d) Foi no domínio da comunicação oral, onde se verificaram mais dificuldades no quotidiano dos encontros e sobretudo apresentação oral das comunicações. Enquanto os lusos entendiam os restantes colegas das várias comunidades do Estado Espanhol, em sentido contrário apontaram-se dificuldades. A partir do segundo encontro sugeriu-se a projeção de slides com os tópicos, o que minorou o problema do mútuo entendimento;
- e) O cariz informal dos encontros foi o denominador comum e principal atrativo: convívio, troca de experiências, ideias soltas de projetos, reflexões empenhadas sobre o papel da disciplina e do antropólogo/a na respetiva sociedade nacional ou subestatal. Mas a informalidade constituiu em simultâneo a ameaça à continuidade destas iniciativas. E reconhece-se aqui a transformação que a prática antropológica sofreu nos últimos 20 anos. Para as primeiras edições angariaram-se financiamentos públicos e privados; depois a ausência de enquadramento formal –em projetos dotados de financiamento competitivo ou outro– tornou-se num calcanhar de

Aquiles. Nas últimas edições os auxílios surgiram junto do poder local, pela via dos seus programas de ação cultural (alojamento, instalações para as reuniões, parte da alimentação) e o envolvimento dos participantes no restante (alojamento, alimentação). Reforçou-se a essência convivencial;

- f) Do ponto anterior transparece a organização atual da prática científica. O campo nacional de atuação desvanece-se e converge numa tendência globalizante, na base de eventos mantidos por redes, em que contextos de índole nacional, subestatal ou regional se apagam, favorecendo temáticas globais apresentadas, discutidas, redigidas num mesmo idioma, mas talvez pensadas noutros. Existe, de facto, versatilidade em detrimento de diversidade nas abordagens. Os encontros talvez sejam um posicionamento crítico singelo perante tais circunstâncias, em que de sobremaneira para as gerações mais novas a avaliação individual com forte componente métrica conduz a esse modo de estar simultaneamente global e fragmentado;
- g) A informalidade praticada não significou inoperância ou falta de ensejos para buscar mais *outputs*, além das atas. María concentrou-se em Évora, doutorandos e doutorandas vindos de Espanha dedicaram-se a terrenos lusos. E, pese ainda muito o recato português de evitar o além do mundo lusófono, António Medeiros tem contrariado entre pátrias adotadas e glórias essa tendência, publicando sobre o noroeste peninsular binacional uma monografia (2006a), entretanto disponível em várias traduções: para castelhano revista pela María (2006b) e inglês (2013). Ultimamente concentra-se noutro projeto de folgo sobre a história comparada das disciplinas na península – que talvez tenha servido de antecedente na ideia e modo de abordagem o estudo do antropólogo galego já desaparecido Fernández de Rota sobre a vida nos departamentos de antropologia nos EUA (Fernández de Rota 2012).

Que sentido ou sentidos atribuir a estas iniciativas de antropólogos em pleno século XXI?

Resposta plausível estará já nos prólogos da *Mirada Cruzada* (Cátedra 2001). Desocultem-se acontecimentos antecedentes, mais além dos que María então apresentou e enquadrou. Ao longo do século XX e, sobretudo, a partir do após-Grande Guerra, atravessando sucessivos regimes dos dois estados (monarquias constitucionais, republicanismos parlamentares, autoritarismos de direita) e até 1970, os congressos da Associação –Luso-Espanhola– para o Progresso das Ciências constituíram fóruns binacionais de enaltecimento nacionalista por via duma ciência de inspiração positivista e de consolidação de sentimentos patrióticos, em cerimonial bianual conjunto, com cada uma das nações vincando o seu passado. Foram iniciativas binacionais destinadas à comunidade científica dos dois Estados peninsulares, organizadas em sessões disciplinares, em que a etnografia do lado português esteve várias vezes presente por, entre outros, A. Jorge Dias (1907-1973). Tinham estes congressos um enquadramento oficial de exaltação patriótica e invocação de grandezas do passado. (Nunes 2004, 2018). Vizinhos que se reuniam, e nestes cerimoniais oficiais cultivavam identidades próprias em convergência ideológica.

A constatação duma visão diferente de fronteira surpreendeu María Cátedra, quando começou o trabalho de campo em Évora. E o diagnóstico de José Carlos Gomes da Silva de que somos vizinhos que se desconhecem, parece ter sido o cimento da continuidade dos encontros. Quebrar esse afastamento ou rivalidade em convergência ideológica (dos autoritarismos entretanto depostos) e convertido numa atitude cultural enraizada tem sido um dos desígnios –ainda que inconscientes– das 8½ edições realizadas. A ordem jurídico-institucional entretanto estabelecida nas duas entidades estatais peninsulares, as autonomias regionais vigentes e a inserção transnacional – no campo disciplinar antropológico abriram-se aos peninsulares múltiplas estruturas de intercambio de resultados, hipóteses e ideias (cf. Godinho 2019: 15-25), tais como os congressos da IUAES, da SIEF, da EASA desde o termo da Guerra Fria, ou ainda da antiga FAAEE, da ABA e da APA – proporcionam o pano de fundo que derreteu o formalismo das relações de vizinhança anteriores dominantes e às quais aqueles congressos luso-espanhóis davam corpo.

Entretanto o Covid 19 impôs uma paragem numa rotina que se vinha consolidando. Mas julgo teremos já deixado de ser vizinhos desconhecidos.

BIBLIOGRAFÍA CITADA

- Branco, Jorge F. 2014. «Sentidos da antropologia em Portugal na década de 1970». *Etnográfica*. Disponible en <<http://journals.openedition.org/etnografica/3732>>. Acedido em: 24 jul. 2020.
- Cabezas A., Eduardo. 2000. *Los de siempre. Poder, familia y ciudad. Ávila 1875-1923*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Cátedra, María e Serafín Tapia. 2017. *Para entender las murallas de Ávila, Una mirada desde la historia y la antropología*. Valladolid: Ámbito Ediciones.
- Cátedra, María. 1988. *La muerte y otros mundos: Enfermedad, suicidio, muerte y más allá entre los vaqueiros de Alzada*. Barcelona: Júcar.
- Cátedra, María. 1991. *Los españoles vistos por los extranjeros*. Barcelona: Júcar.
- Cátedra, María. 1992. *This World, Other Worlds. Sicknes, Suicide, Death, and the Afterlife among the Vaqueiros de Alzada of Spain*. William A. Christian Jr. (trad.). Chicago: Chicago University Press.
- Cátedra, María. 1997. *Un santo para una ciudad. Un ensayo de antropología urbana*. Madrid, Ariel.
- Fernández de Rota, José António. 2012. *Una etnografía de los antropólogos en EE.UU*. Madrid, Aka.
- Fernández, James W., María Cátedra, José Luís García, 2016, *Los inicios de la antropología en Asturias: tres testimonios autobiográficos*, Gijón: Muséu del Pueblo d'Asturies.
- Godinho, Paula. 2019. «Antropología portuguesa contemporánea, casi medio siglo desde abril» *Disparidades. Revista de Antropología* 74(2): e014. doi: <<https://doi.org/10.3989/dra.2019.02.014>>.
- Lamela V., María del Carmen. 1998. *La cultura de lo cotidiano: estudio sociocultural de la ciudad de Lugo*. Madrid: Akal.
- Llamazares, Julio. 1998. *Trás-os-Montes. Un viaje portugués*. Madrid: Alfaguara.
- Medeiros, António. 2006a. *Dois lados de um rio: nacionalismo e etnografias na Galiza e em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Medeiros, António. 2006b. *Los dos lados de un río: nacionalismo y etnografías en Portugal y Galicia*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas
- Medeiros, António, 2013, *Two Sides of One River Nationalism and Ethnography in Galicia and Portugal*, New York, Berghahn Books

- Nunes, Maria de Fátima. 2004. «O “público entendimento da ciência” nos congressos da Associação Para o Progresso das Ciências: Portugal e Espanha. Estratégias e realidades institucionais» in António Baiôa (org) *Elites e Poder. A crise do sistema liberal em Portugal e Espanha, 1918-1931*: 231-243. Lisboa: Colibri.
- Nunes, Maria de Fátima. 2018. «Ciência e ideologia nos congressos da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências. Estratégias políticas, científicas e relações internacionais» in Dolores Ruiz-Berdún (ed.) *Ciencia y Técnica en la Universidad, Trabajos de historia de las ciencias y de las técnicas*, vol. 1: 483-494. Alcalá de Henares: Universidad de Henares, Servicio de Publicaciones.
- Velasco, Honorio M. e Carmen Caro (eds). 2015. *De Julian a Julio y de Julio a Julian. Correspondencia entre Julio Caro Baroja y Julian Pitt-Rivers (1949-1991)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

